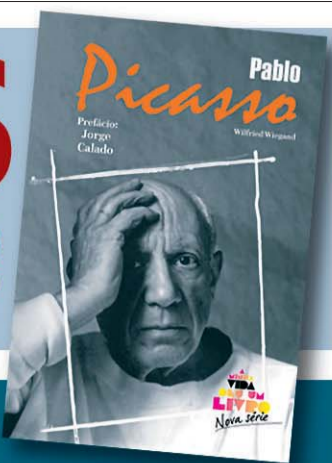




GRÁTIS

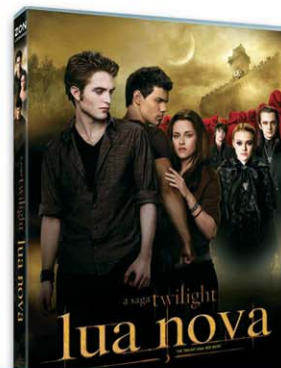
BIOGRAFIA DE **PABLO PICASSO**
PREFÁCIO DE **JORGE CALADO**

TERCEIRO DE SEIS LIVROS PRÓXIMA SEMANA, JOHN MAYNARD KEYNES



HOJE LUANOVA SAGA TWILIGHT DVD2 €5,95 (cont.)

GRÁTIS: POSTER DO FILME &
ALUGUER ZON VIDEOCLUBE



ÍNDIA

COLEÇÃO
PAÍSES DO
MUNDO
€4,50 (cont.)
7.º livro



Expresso

Fundador: Francisco Pinto Balsemão

ESTA EDIÇÃO TAMBÉM
ESTÁ DISPONÍVEL PARA
IPAD, ANDROID E PC
1,15€ POR EDIÇÃO
Consulte: www.expresso.pt

19 de novembro de 2011
2038
€3,00

Diretor: Ricardo Costa

Diretores-Adjuntos: Nicolau Santos,
João Garcia, João Vieira Pereira e Miguel Cadete
Diretor de Arte: Marco Grieco

www.expresso.pt

24h

PS aceita fim do 5 de outubro

O PS não deverá oferecer resistência ao fim do feriado do 5 de outubro. A posição dos socialistas ainda não é oficial, mas no Rato reconhece-se que se o Executivo quiser pôr fim a mais do que um feriado civil, não será fácil fugir ao Dia da República.

Portas no Conselho de Segurança

Paulo Portas preside na próxima semana, entre segunda-feira e quarta-feira, às reuniões do Conselho de Segurança da ONU, cuja presidência rotativa é assegurada por Portugal durante o mês de novembro.

Durão escreve sobre o futuro da Europa

O presidente da Comissão Europeia explica, em artigo para o Expresso, que a Alemanha só tem a perder com a expulsão de países da zona euro. P14

Recapitalização da banca alargada

O Banco de Portugal defende o alargamento de três para cinco anos do prazo a partir do qual o Estado pode entrar mais a fundo na gestão dos bancos que recorram à linha para o reforço do capital, aproximando-se assim da vontade dos banqueiros.

Patrões discutem TV

Os responsáveis da RTP, SIC e TVI — estarão juntos, na próxima terça-feira, para discutir o futuro dos *media*. Guilherme Costa, Pinto Balsemão e Paes do Amaral abrem o 21.º Congresso das Comunicações que decorrerá durante dois dias no Centro de Congressos de Lisboa.

“Cuidados especiais” para greve geral

A crise e o momento político são fatores adicionais de risco na preparação da greve geral de quinta-feira. João Torrado, há 32 responsável pela segurança das manifestações da CGTP, explica ao Expresso como se evitam problemas semelhantes aos que se assistem nas ruas de Atenas. P16

Integram esta edição semanal, além deste corpo principal, os seguintes cadernos: ECONOMIA, REVISTA ÚNICA, ATUAL, ESPAÇOS & CASAS e EMPREGO e ainda EXPRESSO BPI GOLFE CUP

Poul Thomsen em entrevista exclusiva ao Expresso



“Cortar salários privados não é imposição”

➔ “Se virmos a economia a afundar-se, reconsideraremos” na austeridade ➔ “Um programa todo à base de cortes, penso que não funcionaria” ➔ “A economia portuguesa é viciada em crédito” P4

Lotação das prisões ultrapassou os 100%

O sistema prisional esgotou. Há 12.475 reclusos onde só cabem 11.921. Há prisões com o dobro dos presos

Desde 2009 que o número de reclusos não para de crescer. Só este ano foram presas mais 928 pessoas. Há cadeias regionais a rondar 200% de lotação. Lisboa e Custóias já ultrapassaram a capacidade, e o mesmo se

passa com a prisão da PJ de Lisboa. Os beliches e as camaratas são a solução. A Guarda Prisional alerta para a facilidade com que estão a nascer gangues nestas prisões, pequenas para tanta gente. O Ministério da Justiça cancelou a construção de nove novas cadeias. Em curso está um levantamento das necessidades de reabilitação e ampliação das existentes. P32



Conheça o ministro que ainda pensa em inglês, oferece pastéis de nata quando tudo corre bem e já viu o fim da crise P10

Álvaro Santos Pereira pede apoio a 50 empresários

 E12

Passos e Eduardo dos Santos acertam futuro do BCP

Alteração acionista e recapitalização do banco foi um dos temas fortes da conversa. Sonangol está disposta a reforçar

O futuro do Millennium bcp foi um dos temas que mais tempo ocupou na conversa entre Pedro Passos Coelho e José Eduardo dos Santos, em Luanda. O governo português está empenhado em encontrar uma solução para a estrutura acionista e para a recapitalização do banco. A petrolífera Sonangol estará disponível para reforçar no BCP, apurou o Expresso em Luanda. P3

Siga o roteiro do luxo em tempo de crise R30



Negócios imobiliários de Duarte Lima investigados no Brasil

 P44

Da Vinci visitado em Londres por Clara Ferreira Alves A8

Banco BIC Exportador
Portugal Angola

GERAMOS NEGÓCIOS ALÉM-FRONTEIRAS

BancoBIC
www.bancobic.pt

ENTREVISTA

Poul Thomsen Chefe da missão do FMI em Portugal

“Se a economia afundar mais reconsideraremos o défice de 2012”

Textos **JOÃO SILVESTRE**
e **JOÃO VIEIRA PEREIRA**
Foto **TIAGO MIRANDA**

O chefe de missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), Poul Thomsen, recebeu o Expresso no hotel Ritz, em Lisboa, o quartel-general da *troika* sempre que está em Portugal, pouco mais de uma hora depois de terminar a conferência de imprensa de apresentação das conclusões da visita a Portugal. As três instituições internacionais tinham acabado de dar nota positiva na segunda avaliação a Portugal. Bem disposto e já sem gravata voltou a insistir que o programa português é “ambicioso”, embora “possível”, mas deixou a porta aberta a uma revisão da meta de défice em 2012 caso a economia afunde mais do que o previsto. Numa conversa que durou 35 minutos, o homem do FMI que tem nas mãos os destinos da Grécia e de Portugal explicou a sua estratégia para tirar a economia portuguesa da crise mostrou-se otimista quanto ao sucesso do programa da *troika*. São quase 30 anos de experiência a lidar com países em dificuldades em todo o continente europeu.

Algumas pessoas em Portugal têm argumentado que é necessário mais tempo para reduzir o défice e eventualmente mais dinheiro. Concorda?

Depende da economia. Dada a forma como esperamos que a economia evolua, as metas e o financiamento são adequados. A nossa avaliação nesta segunda revisão é que o programa teve um bom começo. O Governo já fez bastante. É claro que é um programa ambicioso, não há dúvidas, e compreendemos que implica bastantes sacrifícios para os portugueses. O nosso financiamento é uma forma de tornar o ajustamento menos doloroso e permitir fazê-lo durante um período mais longo. Olhando para a economia neste momento, penso que o calendário e o financiamento estão bem. Mas se a economia afundar mais, poderemos ter que reconsiderar o ritmo de consolidação orçamental.

O financiamento é adequado. É bem maior do que é normal nos outros programas do FMI



Diz que é um programa ambicioso. E é possível cumprir?

Penso que é possível.

O Governo português tentou negociar a meta de défice para 2012?

Não houve nenhuma discussão sobre a meta de défice de 4,5% para o próximo ano. Acho que o Governo concorda com o meu ponto de vista. Vamos ver como a economia responde.

E em termos de envelope financeiro, estão a *troika* e o FMI em particular abertos a discutir?

O financiamento é adequado. É bem maior do que é normal nos programas do FMI. Penso que está bem. Até permitimos a redução no nível de bilhetes do Tesouro. Isso não é normal. Assim, estamos a fornecer liquidez aos bancos. Além disso, dois terços dos €78 mil milhões chegam no primeiro ano, o que é pouco habitual.

Acredita que Portugal consegue regressar aos mercados em 2013 como o programa prevê?

Penso que é possível. Em 2013, esperamos que a situação na periferia esteja melhor e que a crise na zona euro tenha chegado ao fim. Claro, assumindo que o ajustamento em Portugal acontece.

E os mercados a funcionarem normalmente...

Sim. E que regressemos a uma situação em que Portugal depende apenas de si próprio.

Algo que, neste momento, não se vislumbra.

Claro que os problemas na zona euro afetam Portugal e para esses precisamos de uma solução abrangente

A delegação do PS tentou convencê-lo, na reunião que tiveram, que existe uma folga no Orçamento que permite cortar apenas um dos subsídios aos funcionários públicos e pensionistas?

Manifestaram a sua posição. Mas aqui convém perceber que nós trabalhamos. Nós não chegamos a Portugal e dizemos o que deve ser feito. Temos metas orçamentais e o Governo pode atingi-las de diferentes formas. Dito isto, o facto é que a economia portuguesa tem um problema de competitividade. Os cortes nos salários do sector público são uma forma de influenciar os salários no privado. Eu apoio este Orçamento para 2012. É bastante ambicioso e sólido mas não digo que é a única forma de o fazer.

Existe mesmo uma folga como o PS diz?

Este programa tem, adequadamente, hipóteses conservadoras. Se as coisas correrem um bocadinho melhor existirá uma folga. Mas não existem folgas significativas.

Como é que Portugal cresce com to-

Comida grega ou portuguesa? Talvez italiana

Poul Thomsen não tem qualquer problema em falar com jornalistas. Tem a resposta na ponta da língua mesmo quando não corresponde exatamente ao pensamento dominante, como é o caso da desvalorização fiscal. Mas quando se trata da sua vida pessoal ou de pormenores mais indiscretos da negociação a postura muda por completo. O Expresso tentou saber se é mais fácil negociar com os portugueses ou com os gregos. Sem sucesso. Thomsen recusa esse tipo de comentários. Logo de seguida, uma nova pergunta, a tentar driblar a sua atenção: prefere comida grega ou portuguesa? Alguns risos e nova esquivia. Ainda na temática gastronómica, em jeito de provocação quando os juros italianos estão a incendiar a zona euro, tentámos saber se gosta de comida italiana. Uma vez mais sem resposta e uma enorme gargalhada. São quase 30 anos desde que entrou no Fundo Monetário Internacional, em 1982. Atualmente, é diretor-adjunto no departamento europeu, que até esta semana era chefiado por António Borges, e já esteve em missões do Fundo em vários países do Velho Continente. Além da Grécia e Portugal onde está agora, esteve também na Islândia que foi o primeiro país a tombar com a crise do subprime. Nunca tinha estado em Portugal até o governo de José Sócrates ter pedido ajuda no início de abril. Desde então já cá veio várias vezes e vai regressar a cada três meses para as avaliações trimestrais.

Estou neste trabalho há demasiado tempo para não esperar surpresas (como a Madeira) mas não tenho qualquer indicação que possam aparecer



da esta austeridade?

Não há dúvida que vai ter um impacto negativo no crescimento. Nós esperamos uma queda de 3% no próximo ano. Estou preocupado com o facto de a consolidação orçamental ser feita em simultâneo com a desalavancagem financeira, mas acho que é possível. Se voltarmos e virmos a economia a afundar-se mais do que o previsto e os multiplicadores orçamentais maiores então poderemos reconsiderar.

Quando diz pior do que o esperado está a pensar em que magnitude de queda da economia? 4%, 5%...

Esperamos uma contração de 3% no próximo ano e uma recuperação a iniciar-se em 2013. Acredito que é possível se as reformas forem feitas.

Mas tem um número na cabeça.

Se a economia estiver mais fraca então teremos que rever as metas e as políticas. Esperamos não chegar a esse ponto. Queremos evitar ser um cão a correr atrás da própria cauda, no sentido em que uma economia mais fraca precisa de mais austeridade, o que por sua vez agrava a recessão, etc. Para prevenir isso precisamos de uma resposta rápida da oferta, acelerando as reformas estruturais.

O Governo ainda tem que transferir cerca de €2,7 mil milhões em fundos e pensões dos bancos para cobrir as contas deste ano e garantir um défice de 5,9%. Acha que há riscos de a operação falhar?

Do ponto de vista orçamental, não há dúvidas que houve um desvio este ano na ordem de 1,5% do PIB. Não estou muito preocupado porque o Governo avançou com um programa ambicioso para 2012 que recupera o atraso. Este ano o Governo está a considerar usar esta receita extraordinária. Se avançar, deve ser feita de forma a não transferir responsabilidades para os contribuintes. Há salvaguardas a este respeito. E também deve-se ter em conta que pode ser preciso reforçar estes fundos que afetam as necessidades de capital.

Quais são os maiores riscos para o Orçamento de 2012?

Há vários riscos. Um deles é o ambiente externo. Outro é saber se as projeções de crescimento e receita são realistas. Ahamos que sim. Se olharmos para este ano, verificamos que Portugal tem um problema de controlo da despesa. Temos medidas para lidar com isso mas demoram muito a atuar. Espero que o consigamos fazer suficientemente rápido de modo a atingir as metas.

Podemos esperar outras más surpresas como a Madeira?

Estou neste trabalho há demasiado tempo para não esperar surpresas, mas não tenho qualquer indicação que possam aparecer.

jsilvestre@expresso.imprensa.pt





“Programa não impõe cortes nos salários dos privados”

Thomsen assumiu-se desde o início como o grande defensor da desvalorização fiscal — a estratégia de cortar a taxa social única e aumentar os impostos — para simular uma desvalorização cambial que neste momento Portugal não pode fazer. Continua a considerá-la uma boa solução e ainda ‘sonha’ com um telefonema do Governo a dizer que a vai fazer. Sobre os cortes de salários no sector privado, defendido pela *troika*, esclareceu por *e-mail* já depois da entrevista que nada no programa prevê cortes de salários no privado.

■ Foi um dos grandes entusiastas da desvalorização fiscal que foi abandonada. Agora, a *troika* fala em cortes de salários no privado. É uma alternativa para chegar ao mesmo resultado?

■ Deixe-me clarificar a minha posição. Não é uma imposição do programa cortar salários no sector privado. Mas convém lembrar que Portugal tem um problema de competitividade que deve ser resolvido. Existem duas formas de o corrigir. Reduzir salários, o que significa que o país fica mais pobre, ou tornar-se mais produtivo. A forma preferida é pela produtividade.

■ Ou as duas ao mesmo tempo.

■ Claro. Para algumas empresas a melhor forma de se reestruturarem é reduzir salários para manter o emprego. O que estou a dizer é que há uma necessidade de maior flexibilidade nos salários para assegurar que estão melhor alinhados com a produtividade. Mas se o programa for só à base de cortes, não penso que vá funcionar.

■ Ainda acredita que a desvalorização fiscal era a solução certa?

■ Sim. Ainda espero, um dia, receber um telefonema do governo a dizer “vamos fazê-lo”. (risos) Seria ótimo. Nem sempre conseguimos o que queremos.

■ A alternativa do aumento do horário de trabalho em 30 minutos parece-lhe melhor ou pior?

■ Não analisei ainda todas as implicações e não quero dar uma resposta definitiva. Mas não penso que seja um substituto da desvalorização fiscal.

■ Foi uma ideia proposta pelo governo?

■ Sim. Existe o entendimento que necessitamos de mais reformas estruturais. É uma área em que o programa tem avançado bastante bem, embora gostássemos de ver a desvalorização fiscal implementada. Mas não era nenhuma bala de prata. O desafio do governo agora é acelerar as reformas em outras áreas para garantir a resposta do lado da oferta.

■ Os bancos estão preocupados com as regras de recapitalização, em particular com o facto de o Estado ganhar poderes reforçados ao fim de três anos caso se mantenha no capital. Partilha estas preocupações?

■ Na economia há sempre objetivos conflitantes. Por um lado, não queremos que os contribuintes resgatem os bancos. Por outro, não queremos nacionalizar os bancos e ter burocratas a geri-los. A proposta que está em cima da mesa consegue um equilíbrio entre estes objetivos potencialmente conflitantes. Os bancos recebem capital do Estado sem direito de voto e têm um período razoavelmente longo para se ajusta-

rem. É a forma certa de o fazer. É um equilíbrio sólido.

■ Reuniu-se com os banqueiros?

■ Desta vez não, mas os meus colegas reuniram-se.

■ Manifestarem estas preocupações?

■ Sim.

■ Mas, na sua opinião, a lei é equilibrada?

■ Penso que sim.

■ Discutiu com o governo o problema do financiamento das empresas públicas de transportes?

■ Discutimos com as autoridades a sua estratégia ambiciosa para reformar as empresas públicas, incluindo as do sector dos transportes.

■ Mas os mercados estão fechados para estas empresas. Como é que vão conseguir refinarçar-se no próximo ano?

■ Já ouvi as pessoas a dizer isso e não concordo. O programa não é para financiar todas as empresas que tenham ligação ao sector público. Estas empresas conseguiram financiar-se no passado e nós colocámos muito mais dinheiro do que era necessário para financiar o défice e a dívida de médio e longo prazo. Até para reduzir os bilhetes do Tesouro. É uma forma de injetar liquidez no sistema. Não percebo como podem dizer que esquecemos estas empresas. E as pequenas e médias empresas que não conseguem encontrar capital? Estou mais preocupado com isso. Quando estive cá da última vez, comeci a ouvir pessoas a queixar-se disso e agora ouvi ainda mais. É algo a que queremos dar atenção. É outro dos riscos.

■ Os bancos não podem financiar tudo. Se emprestem às empresas públicas de transportes não emprestem às restantes empresas. Como é que resolve isso?

■ Temos que verificar se as condições de crédito durante o programa ficam demasiado apertadas. Até agora ainda não. Só recentemente é que o crédito começou a cair. Mas esta é uma economia em recessão e, por isso, não é claro que a contração da economia seja causada pela falta de crédito. É importante assegurar que os bancos canalizam o crédito para os sítios certos. Portugal tem um dos sistemas bancários mais avançados da zona euro. Pode dizer-se que a economia portuguesa é viciada em crédito. E, no novo equilíbrio, terá que haver menos crédito e é muito importante que esteja no sítio certo.

Não penso que o aumento de 30 minutos no horário de trabalho seja uma substituição da desvalorização fiscal

